



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Pai Américo

Passaram 15 anos. Metade da vida da «Obra da Rua» já foi vivida sem ele cá, no meio de nós. O tempo tudo costuma devorar. Tudo quanto é banal, quanto é comum. Um vinho generoso, porque generoso, não é destruído, mas valorizado. O mesmo acontece à obra de arte.

Que dizer das gestas dos heróis, dos santos — dos homens generosos, não comuns?! Rolam os anos, os séculos — e, em vez de fazer moosa, o tempo pule, purifica, fixa na memória dos homens a imagem sempre mais viva, sempre mais querida, daqueles que transcenderam a dimensão vulgar.

Mas ainda entre os heróis, os sábios, os artistas geniais e os santos, há uma distinção quanto à universalidade.

A lembrança daqueles permanece no domínio de uma minoria que, mercê da sua cultura, os conhece e aprecia. Os santos não são exclusivo património dos eruditos. Pertencem igualmente aos mais simples dos homens, que apenas carecem de ser mais defendidos do perigo de transformar a realidade em mito — o que é sempre prejuízo, mormente quando a realidade vale por si-mesma.

A gesta do herói, a descoberta do sábio, a obra-prima do artista fizeram-se e ficaram feitas. Há nelas um certo dinamismo de atracção e de consequências. Porém, incomparável com o dinamismo do santo, que operou sempre de olhos postos na Eternidade sem desculdar do tempo, sem menosprezar os direitos e as necessidades do tempo, mas sem perverter jamais a recta ordenação: «Vale mais a alma do que o corpo. Por ela, pela alma dos Rapazes, sangrem os padres até ao fim» (para usar palavras expressivas deste pensamento que Pai Américo nos deixou por recomendação).

A invenção da máquina a vapor marca uma época e o início de uma granda evolução. Mas ela própria, hoje, e o seu autor, vão sendo cada vez mais relíquias da História.

Vicente de Paulo, por exemplo, é, continua sendo, hoje, uma figura actual, a dinamizar aqueles que prosseguem sua obra e, mediante eles, a difundir a Justiça, a testemunhar o Amor, a defender e restaurar o Reino de Deus das profanações que lhe provocam o egoísmo e a ambição dos homens.

O herói, o sábio, o artista deixaram após si uma esteira de luz... O santo gerou um rio de vida, de vida que não é dele, mas d'Aquele que é a Vida, e quer que todos os homens a tenham e a tenham abundantemente. Por isso tal rio não se extinguirá jamais e ao longo do tempo guiará os homens das suas

CONTINUA NA QUARTA PÁGINA

Aqui Lisboa

«Olha eu já havia de tar à muitos anos estou muito contente com-me muito e até nos enchermos a barriga».

Conservamos a grafia e a construção originais para não perdermos o sabor da prosa escrita para um ex-companheiro por um dos nossos Rapazes, de 12 anos, logo após o ingresso nesta Casa do Gaiato. E mais adiante, na mesma carta: «Olha já te digo nunca tive em tanta alegria como agora temos tudo quanto a gente quiser mas ande a gente andar com juízo». E numa outra missiva, com a mesma data, para a mãe: «Olhe todos os sábados vamos ao banho no balneário que é água quente nunca em tanta como estou agora gosto muito de estar cá nunca pense em tirar-me de cá é o mesmo espetar-me uma faca no coração. Cá há todas as brincadeiras e desportos eu já sei tocar piano e cossartina não se conta. Eu agora vou pedir ao Senhor Padre se me deixa er representar.»

Continua na QUARTA página

Visado pela Comissão de Censura

Sempre que pegamos na agenda para dar testemunho das presenças que nos chegam a nossa atitude é de joelhos no chão, em agradecimento pela Fé e Confiança que o Senhor nos vai dando e alimentando. Fé e confiança n'Ele e nos homens.

Muitas presenças anónimas e embrulhos e recados na Casa do Castelo, rua da Sofia. Ali é a nossa agência da Balsa. Muitas presenças pelo correio e à mão e na caixa do nosso Lar, que fica na alta, na ladeira dos Loios. Quinhentos de uma Mãe viúva que ficou



com três filhinhos e sabe entender quanto custa a vida. Mil do Grémio da Panificação.

Muitas mãos estendidas na reunião semanal dos cursistas; quinhentos no casamento do filho e muitos mimos de Mãe amiga de Leiria; 1.500 e

as coisas do filho que Deus levou num desastre; 1.620 num mealheiro num estabelecimento; três mil de sacerdote que aparece sempre muito escondidinho; remessas de pintafinhos que vamos criando e que ajudam a nossa alimentação.

Vilar Formoso vem todos os meses em vale de cem; anónima de Miranda aparece muitas vezes com duzentos; vales mensais do Luso; as cartas de Caldas da Rainha; uma promessa mensal de Almalaguês; outra de Coimbra; outra a um vendedor; visitas de Leiria; visitas de Tomar; visitas de Coimbra; um saco de arroz com um grupo visitante de Mirra; as velhas e simpáticas presenças das amiguinhas Maria Helena e Maria Isabel; mãos estendidas na rua.

Continua na TERCEIRA página

PELAS CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO

Novo Professor — Terminou o curso do Magistério Primário mais um dos nossos — o Manuel Cesário.

Tem sido bom rapaz e bom aluno. Recebêmo-lo com muitas palmas e muita alegria. Houve jantar melhorado e no dia seguinte reunimo-nos na Capela e oferecemos a nossa Missa por ele.

Que Deus lhe dê muitas felicidades e seja sempre um professor muito bom.

X X X

Deus veio buscar o nosso Luís Manuel Pereira, (o Cebôla). Desde pequenino que ele era doente dos ouvidos. Já tinha sido operado há anos. Agora andava pior e foi internado nos Hospitais de Coimbra para fazer tratamento. E ali faleceu, sem nós contarmos. Os médicos dizem que devia ser um tumor que rebentou. O seu corpo foi levado para a Capela do nosso Lar. No dia seguinte, depois da Missa, foi o funeral para o cemitério de Santo António dos Olivais.

Deixou em todos nós muitas saudades.

Que o Senhor o tenha em Paz.

Um cronista

CALVÁRIO

Necessidades... — A «Casa António Fausto, Saudade de sua Neta Maria Isabel» está situada num dos pontos de maior movimento do Calvário. Uma das casas com mais doentes e um pavilhão para inválidas. Ao lado, servido pela mesma rampa de acesso, existe outro para homens. São, portanto, servidos os dois conjuntos habitacionais pela mesma via de acesso.

A geada e a neve caíram abundantemente para estes lados, este ano, como para tantos outros. Mas para quem necessite, e quem procura ajudar, andar naquelas condições não era nada cómodo mas perigoso. Depois de se ver qual a melhor solução para remediar eficazmente um mais fácil acesso nos dias de geada ou neve, e, também de chuva, optou-se por uma escada interior. A entrada fica pela parte aonde havia uma sala espaçosa, aonde alguns doentes mais capazes faziam pequenos trabalhos.

Fica sem efeito a sala? É para o efeito que chamamos a atenção de todos aqueles Amigos sempre prontos para as ocasiões.

Se vos disser que a sala fica a funcionar agora plenamente, perguntarão como pode ser... É verdade que sim! Senão veja-se: espaço de entrada para a escada, servindo ao mesmo tempo as dependências nela instaladas; elevador

para transporte de comestíveis para os dois conjuntos referidos; uma dependência para carros-cadeiras e uma salinha para... Biblioteca.

É verdade que parece ter chegado a ocasião de termos um recanto assim! E não me irei alongar muito mais... pois as obras ainda demoram o seu tempo... E para além disso não ficam mesmo nada baratas para quem vive apenas confiado na Providência Divina e nas pessoas que acreditam que vale a pena desprenderem-se, tantas vezes, do que lhes faz falta!

Ora não vale a pena dizer que a estante já se encontra no seu lugar... vazia!

Confiamos que os amigos não irão esperar que as obras acabem para então procurarem bons livros, que formem, instruem e ajudem a passar melhor o tempo, sobretudo aos Domingos. Sabeis como o ócio é mau...

Esperamos, então, livros proveitosos. E tenham a bondade de enviá-los para: **Calvário — Beire — Paredes (Douro).**

Manuel Simões

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

• Após duas entrevistas preparatórias — e formativas — decidimo-nos pela **campanha de sanidade.**

Procurámos medir bem os passos, as atitudes, face ao comportamento doentio do interessado — um homem vítima de isolamento.

A montureira é manancial de pulgas, percevejos, baratas; trapos velhos aos montes, enegrecidos e corroidos pela traça!

Aplicámos insecticidas apropriados, nesta fase. Mudámos a roupa pessoal do nosso amigo, dos pés à cabeça. E, tão contente!, rematou: «Agora podem fazer o que quiserem»... Sentiu-se amado, finalmente!

As primeiras etapas ultrapassaram a previsão. Depois, vamos à vassoura, à escova, à caiação, à queima dos trapos e dos tropeços, à completa mudança do bragal e tudo o mais. Acompanhando sempre. E dando as mãos. Até onde for possível a definitiva promoção e integração deste homem no meio.

O Senhor nos ajude até ao fim — que é o princípio...

Afinal, mau grado as fumaças de muitos em todo o lado, o **Terceiro Mundo** pode situar-se na mesma rua, no mesmo bairro, no mesmo prédio, no próprio País! O que é preciso é não nos fecharmos em copas — e pôrmo-nos em campo...

• Em 1970, as Conferências Vicentinas da paróquia movimentaram 60.948\$20. Nesta verba participaram os leitores do «Famoso» com 15.960\$80. Não devemos omitir esta revelação. O vosso contributo foi — é e será

— um amparo indispensável. Até como incentivo...

Estamos com a caixa vazia, neste momento. Mas confiamos. O Senhor sabe das necessidades. Ele nos desperte mais e mais.

• Entretanto, chegaram presenças amigas — e de sempre. Abre o assinante 18223, com 60\$00, desobrigando-se do «2.º semestre». Segue outra tripeira, da rua da Alegria, com 50\$00 na mão. E 240\$00, de São Mamede, «de preferência para um casal velhinho ou conforme as necessidades do momento». Assim é que é! Agora, temos Lisboa com 50\$00. E mais 20\$00 da rua António Carneiro — Porto. O mesmo da assinante 17740. E 150\$00 de D. Viviane. São tantas por esse mundo, que não quebramos o anonimato... Finalmente, os habituais 40\$00 da assinante 17022.

Júlio Mendes



O nosso Acácio casou. Ei-lo com a esposa, logo após a cerimónia. E de olhar sereno — fitando as escadas do Futuro. Ele é natural da Guiné. E preparou-se para a vida em nossa Casa de Paço de Sousa.

Cantinho

Ontem foi o nosso 5.º casamento deste ano. Chamo-lhe nosso (e assim emprego o possessivo, talvez imprópriamente segundo a gramática!) porque de um dos nossos Rapazes. E se o Matrimónio é um sacramento social, portanto diz respeito, por definição, e deve interessar toda a comunidade humana, muito mais a nós, comunidade tão próxima, compromete o casamento de um dos nossos.

Cinco casamentos, cinco datas felizes que se desejam início de uma felicidade duradoura, que não cairá do céu aos trambulhões, antes se há-de construir pacientemente depois de uma preparação séria que foi o namoro e o noivado.

De três destes cinco, conhecíamos as noivas há muito tempo e não nos é difícil augurar felicidade perene e progressiva. Dos outros dois trouxemos boas impressões, que nos alimentam esperança semelhante.

São jornadas muito confortantes para nós, Família maior, este principiar de novos lares que muito desejamos sejam valores sociais, para o que não é necessário saírem de um plano de modéstia e quase anonimato. São Rapazes que atingiram uma primeira meta na vida (às vezes, só Deus sabe após quantas contradições!) e que prosseguem agora outra mais definitiva, ao longo da qual se realizarão como gente adulta e há-de produzir seus frutos, a justificar a missão própria que traz consigo ca-

da homem vindo a este mundo.

Geralmente os nossos Rapazes preparam-se com seriedade para passo tão responsabilizante, que os introduz na chefia de uma Família. E vejo com alegria que alguns, mesmo remotamente, se preparam, quer na procura de uma vida honesta, como aspiram que seja a da futura companheira, quer no cuidado das suas economias, as quais lhes permitirão na hora própria, custear a constituição e recheio do seu lar, com tranquilidade e até com bom nível.

Quem dera que fôsse este, sem excepção, o estado de todos em vésperas de casamento, o que, naturalmente, exige, à distância, a decisão de sacrificar hoje para investir e colher amanhã!

Infelizmente não é. E também, com alguma frequência, assisto à angústia de lares que se retardam por falta de meios que poderiam ter-se adquirido, ou se realizam numa penúria que frange e era escusada.

Ainda que este ponto seja muito concreto e válido, estou, no entanto a desviar-me da intenção inicial que me levou hoje a escrever: comunicar-vos um testemunho de um dos nossos, hoje belamente colocado, a usufruir uma felicidade que merece porque trabalhou para ela, mesmo no plano conjugal.

Ora oiçam:

«Os meus rapazes lá se vão criando na graça de Deus.

A. ainda muito novo mas

já com problemas de crescimento. Tem a simpatia de bastantes professores que lhe permitem, cá fora, o diálogo aberto e chega-me a casa um autêntico galispo, inflamado de ideias.

Do do meio, só posso dizer-lhe que safu em tudo ao pai, o que muito me preocupa pois eu não era nem nunca fui bom de tratar. Deus Nosso Senhor entendeu que eu devo expiar cá aquilo que fiz aos outros e vai daí dá-me um filho destes que, por mais paradoxal que pareça, até é aquele que mais me cativa. Ele lá sabe o que faz e eu aguento com satisfação, pois, sobre filhos, só posso dizer ao Mestre que não sei como agradecer-lhe.

F. é a companhia ideal que Deus me deu. Estamos quase chegados aos quinze anos de casados. Eu sei que não é muito, mas já estamos suficientemente maduros para só nos querermos um ao outro.»

Que lindo cântico matrimonial! Faz-me lembrar aquele outro, há dias mais uma vez recapitulado no Breviário: Perante a dor de sua esposa, aflita e vexada pela esterilidade, Elcana diz-lhe:

«— Ana porque choras?, porque não comes?, porque se aflige o teu coração? Porventura não sou eu para ti mais do que dez filhos?»

Quem dera que todo e cada um de vós, ao fim de muitos anos de vida conjugal, abençoada ou não por filhos, pudesse dizer, tivesse necessidade de dizer, como os pais de Samuel — sacerdote do Senhor — ou como este irmão que, verdade, verdadilha, não deve ter sido tão mau de tratar como ele diz de si-mesmo!

gaiato

dos Rapazes

Correspondência de Família

«Entramos em Maio. Não tenho a alegria nem a noção das flores, nem do ar fresco; nem me chega o aroma das mimosas da mata; nem me vejo ao espelho das límpidas águas do nosso ribeiro; nem me cheira a estreme nem a lavra dos campos; nem me distraio numa possível ida aos grilos (coisa de infância que eu conservo pela intenção e pureza de alguns minutos que se passam, esquecendo a agitada idade); nem vejo o Zé Manco, com a mangueira encarnada ligada às torneiras da «casa 3 de baixo», regando os jardins que circundam o Hospital e a casa 3 e vão até aos galinheiros.

Não tenho Maio nos olhos, mas tenho Maio nas veias!

São sete horas da manhã e o sol doira. Parece que nos deixou definitivamente a época das chuvas e já entramos na do cacimbo. Eu gosto da época do cacimbo, em África, claro. O sol é mais amigo, o vento vem mais de encontro a nós, despenteia-nos o cabelo e entra pela farda, nos intervalos dos botões. Que bom! Que bom!

Estou nesta tenda, já familiar de longa (...) data, e, enquanto o Sargento não chega, vou conversando com os meus. Faz-me bem.

Ontem deitei-me cedo, Milagre! Há já muitos dias que me deitava das 11 da noite para as 2 da manhã. Motivo? Falando comigo-mesmo. Li há pouco a vida do famoso, por bom romancista, DICKENS. Gostei imenso. Simples. Pobre. Homem! Eu aprecio os homens sem etiqueta. Eu também não tenho dístico... Sou do mundo — da

vida, como dela é qualquer homem.

Penso atirar para a Rua a minha Poesia quando terminar a comissão. Se há alguém que dela possa colher, porque a reter numa gaveta? Vou atirá-la! Mas até lá, hei-de avançar ainda mais, ascender ao plano que me espera, que eu penso escalar. E depois... depois se verá...».

* * *

«A alegria e disposição parecem não quererem colaborar comigo talvez por não andar bem com o Senhor.

Não sei o que se passa comigo mas talvez falta de conforto moral.

Sinto que sou um falhado, nada mais... Deus nosso Senhor me perdoe pela inveja que tenho de ver alguém que está bem perto de mim ser tão diferente... mas no entanto sinto orgulho pois também já fui gaiato e hoje mesmo amaldiçoou a hora em que abandonei o conforto moral, os verdadeiros amigos e a minha Casa do Gaiato.

Sim, porque aí é que estava a minha família nada mais, pois cá fora não existe compreensão, e desculpe a expressão da palavra, mas só há cinismo, o Senhor me perdoe...

Tinha muito mais mas não consigo explicar. Queira o senhor me ajudar a levar a minha cruz ao Calvário...

Um grande e forte abraço para toda a comunidade «gaiata» do ex-gaiato sempre amigo...»

* * *

«Fiquei contente por saber que corria tudo bem por aí, e

também por me ter dito que vinha, pois eu e minha Mulher temos imenso gosto que venha e de o recebermos em nossa tosca casa.

Eu na altura em que vos estou a escrever, fico comprometido, queria descobrir como pode haver tanto amor e carinho da vossa parte a um filho que vos abandonou; dissei-me vós, Pai Amigo, com que hei-de agradecer-vos. Será que me quereis mais do que naquele dia em que, pela mão do meu irmão João, estive na presença de vós e do nosso querido Pai Américo, e depois me disseste: «Vais já trabalhar para a «denha», às ordens do Sejaquim»? Será que ainda se lembra desse dia? Talvez não!, mas eu julgo que vós nunca vos esqueceis do que dizeis aos vossos filhos e da Obra; mas se não vos lembrais, eu sim, lembro-me bem... e não mais me esquecerei. Sou um filho pródigo, longe dessa querida Obra, e que me julgo em sonhos, sempre metido no tal «Gaiato», ninho dos filhos da Rua. Hoje sim, sei o que sinto, porque sou um homem. E a quem o devo?

Tenho cá muitas fotos dos meus filhos, mas quando eram mais pequenos, mas estão muito lindas as que mandei, foi tal qual eles são, em tamanho e em idade; as outras são de quando eram pequenos, mas



A prole do Artur Teixeira Mendes, ora em Vila Matala — Huila.

vou mandar-vos para verdes como são».

Tribuna de Coimbra

Cont. da PRIMEIRA página

Lembranças pelas almas de pessoas queridas; 3.500, mais cinquenta, mais 330, mais cinquenta, mais vinte, de Lisboa; cartas do Entroncamento, da Covilhã, de Pombal; dois tome lá em Seia e um de Avelar; a velha presença espiritual de Galizes; 500 no Porto.

E muitas mãos dadas na sacristia, na igreja e à porta de Santa Cruz; 2.120 do Totobola. Quanta renúncia não terá feito o premiado! A visita da freguesia de Maceira-Lis; professoras e alunos das escolas primárias da Nazaré; o «tio de Fátima» veio com o carro cheio de mimos e roupas. Foi um dia de alvoroço, pois ele revelou que chegava para todos e prometeu voltar. Mais visitas de escolas primárias.

Um alegre e desembaraçado puxar da carteira e tome lá das bicas que não tomei na Quaresma. Olhei para o gesto feliz daquele homem novo e as mãos tremeram-me ao aceitar. Estava ali um acto penitencial. Quantos cristãos terão feito o seu acto penitencial? Há tantos pecados de omissão! Há tantos modos de reparação!

O Lita aproveitou o fim do ano lectivo e anda a receber as cotas dos nossos subscritores. É uma ajuda boa que vem sempre a tempo, embora poucos tenham actualizado suas cotas. O Lita diz que a maior parte paga logo de boa vontade. Outros mandam-no voltar várias vezes e ele, que já é bastante senhor do seu nariz, não gosta. Eu acho graça.

Padre Horácio

Ao jornal «O Gaiato» — o «Famoso»

Meu bom GAIATO, meu amigo certo
De entre todos, tens a primazia
De pôr meu coração muito mais perto
Do meu irmão que eu desconhecia...

O teu falar é um coração aberto
D'onde jorra a luz que me alumia.
E teu pregão ecoa até o deserto
Fazendo ouvir quem antes não ouvia!

E vêm Descrentes que não julgaram crer.
E vêm Cegos e ficam logo a ver!
E tantos hão-de vir ao teu encontro...

E louvando a DEUS, ter-te como amigo
Hão-de dizer-te como eu te digo:
Tu não és Famoso, és um Assombro!...

Abril de 1971

SOU EU

Ser ou não ser filho ilegítimo

Pedro Lahorascala escreve no «Pueblo» (Madrid):

«Há coisas que marcam o homem para toda a vida. A escravidão, a cor da pele, certas enfermidades (a lepra, a tuberculose), os antecedentes penais e o nascimento. Poderá haver mais coisas que eu não enumero, mas não importa, porque me deterei na última. Algumas das anteriores têm sido superadas, atenuadas ou mesmo postas de lado ainda que, se nos não enganamos, no fundo fique certo ressentimento... A ilegitimidade, ao contrário, continua a ser estigma para quem não tem culpa dela; como o que nasce católico por razões geográficas ou de família. Com a agravante de que o ilegítimo não pode mudar de condição.

Este «comentário-denúncia»

faço-o depois de se ter publicado, há dias, através da Direcção-Geral de Relações Culturais do Ministério dos Assuntos Exteriores, a convocatória dos bolseiros para os cursos de 1972-1973 do Real Colegio Mayor de San Clemente de los Españoles, em Bolonha, fundado há séculos, para espanhóis que ali cursam os seus estudos. Uma das condições de candidatura às referidas bolsas é de ser filho legítimo — como se o interessado se pudesse trocar no Registo Civil. Porque se é de religião protestante, pode abraçar a católica (outro requisito), como até, reclamar a sua cidadania espanhola se não ficou inscrito devidamente por outra causa.

A ilegitimidade é um conceito a rever urgentemente. Ser legítimo não exonera do

serviço militar, nem dos cargos sociais, nem é indulto no Código Penal, nem invalida para votar. A ilegitimidade deve ser banida de todo o contexto social da vida espanhola e não aparecer como um delito nefando que o próprio interessado não pode redimir. Ilegítima é esta convocatória dos bolseiros do Real Colegio Mayor, que discrimina um homem de outro homem, tomando em consideração uma consequência irremediável por um acto realizado por outros.» (In «A Capital».)

Dito de Espanha, dito de Portugal — dito de toda a Terra onde tão injusta discriminação fôr.



«Isto é a Casa do Gaiato» continua a agitar muita gente! Abre a coluna um Editor, que nos solicita «250 exemplares sem qualquer desconto e com todas as despesas de nossa conta», frizando mais adiante, «oxalá precise em breve de mais 250!». Estamos preparando a remessa que, segundo ele diz — e muito bem — é um «convívio à distância com a Casa do Gaiato».

Fora do âmbito livreiro surgem, a cada passo, bons amigos, a abrir caminho à expansão da nossa Editorial. Dois casos recentes: um sacerdote de Torres Novas, com o objectivo de «colaborar e fazer aqui apostolado válido»; e uma «visitadora escolar», de Lisboa, ocupada em vários estabelecimentos de ensino da capital.

Que trabalho estupendo! Os nossos correspondentes mantêm o diálogo de sempre. Sereno e faiscante. Não dispensamos dar-lhes a vanguarda da coluna. Ai vão, por isso, reacções salutares ao «Isto é a Casa do Gaiato».

● A VOZ DO LEITOR

«Temos feito presença junto de vós, algumas vezes. Mas, pelo que lemos em «Isto é a Casa do Galato», sentimo-nos obrigados à assinatura do vosso Jornal.

Para já, seguem, em vale do correlo, cem escudos, destinados àquela obra que deveria permanecer, constantemente, sob os olhos de cada português...»

Aquele «sentimo-nos obrigados à assinatura do vosso Jornal» é muito significativo.

Do Porto damós um salto à Póvoa de Varzim:

«Acabo de receber os livros

AS NOSSAS EDIÇÕES

«ISTO É A CASA DO GAIATO»

disponíveis das vossas edições, que muito agradeço.

Procurei diligentemente uma nota do meu débito (depois de ter reparado que os livros não vieram à cobrança), e nada achei. Por isso, emiti um vale de 200\$00, que espero chegue. Se não chegar, agradeço que me deis uma indicação; se sobrejar, dai à diferença o destino que mais vos agrade.

E fico à espera dos exemplares das vossas edições neste momento esgotadas, para que, logo que os vades reeditando, não vos esqueçais de mim. Pois a leitura deles — assim como a do «Famoso», que adquiro aos vossos «ardinas» todas as quinzenas — me ajudam a manter princípios, velhos mas válidos, que eu não quero se dissolvam.

A pobreza — e principalmente a assistência à infância, que no nosso país dá pano para mangas! — é um aspecto que não pode — nem deve! — passar despercebido a quem procura sobreviver num mundo que não fez, mas que tem de suportar e de que é preciso tirar partido, apesar de tudo.

Depois deste primeiro contacto directo convosco, espero lembrar-me de vós mais vezes — com auxílio material, já que espiritualmente estou convosco.

Que Deus vos dê força para irdes continuando a dar à Sociedade, já orientados, os filhos que a Desorientação marcou, são os desejos do...»

Uma leitora de Lisboa espe-

cifica, ainda mais concretamente, os frutos colhidos em obras de Pai Américo:

«Junto um vale do correlo de 100\$00 que se destina aos livros... Peço muita desculpa por não ter enviado logo esta quantia, como era meu dever...

Tenho lido com o maior agrado todos esses livros e até com sofreguidão e faço deles as minhas orações da noite...»

O Porto continua na brecha! Ouçam:

«Recebi o último volume da vossa Editorial. Não o li ainda porquanto entendo que a sua leitura tem de ser bem doseada para que maiores sejam os benefícios colhidos.

Junto um vale de 100\$00 para custeamento da sua impressão.

Fico-vos grata por mais esta oportunidade que me dais de reconhecer que, graças a Deus, a palavra AMOR não foi ainda banida deste mundo de egocentrismo.

Que Deus vos dê coragem para continuar na luta por um mundo melhor...»

Comentar seria macular. E bloquear! São almas em oração viril, sem pretensiosismos — sem beatério. Cristo vai na barca.

Escutemos um leitor de Coimbra:

«Muito obrigado pela reedição do «Isto é a Casa do Galato». Bom, francamente bom, o trabalho tipográfico. Quanto ao seu conteúdo... que saudade imensa do Padre Américo! Jornalista maravilhoso, poeta de rara sensibilidade, de um realismo de santo e, sobretudo, o sacerdote a emanar a jorros

a água viva da palavra evangélica, numa actualidade candente que só é fruto da perenidade da Fonte em que bebia...»

Finalmente, para satisfazer vários pedidos, indicamos, de novo, a lista das nossas edições:

COLEÇÃO EDITORIAL DA CASA DO GAIATO

Volumes publicados, da autoria de Pai Américo:

1. PAO DOS POBRES 1.º volume (3.ª edição) — esgotado
2. PAO DOS POBRES 2.º volume (3.ª edição)
3. PAO DOS POBRES 3.º volume (2.ª edição)
4. OBRA DA RUA (2.ª edição, aumentada)
5. ISTO É A CASA DO GAIATO 1.º volume (2.ª edição)
6. ISTO É A CASA DO GAIATO 2.º volume (2.ª edição) — no prelo
7. BARREDO esgotado
8. OVO DE COLOMBO (2.ª edição)
9. VIAGENS esgotado
10. DOUTRINA esgotado
11. A PORTA ABERTA (Obra compilada por Maria Palmira de Morais Pinto Duarte)

Júlio Mendes

Flash sobre a vida

«Há alguns dias tive de tratar de um assunto num banco; não tenho muito hábito disso, porque, como na maior parte dos casais, é o meu marido que se ocupa dos problemas financeiros da nossa casa. Todavia, a reflexão que me provocou esta diligência fez-me ver com olhos novos o sentido do «serviço».

Tratava-se da agência local dum grande banco e aquilo que eu ia lá fazer não tinha grande importância. Apesar disso, o empregado chamou o director. Este fez-me entrar no seu gabinete, sentar-me e, com precisão, mas também com muita amabilidade, deu-me as informações necessárias.

O que especialmente me tocou foi a maneira como me «personalizou» sem curiosidade exagerada; eu tinha a impressão de que, para ele, eu seria uma pessoa determinada, a Senhora D...; aliás, desde a segunda visita que ele me tratou pelo meu nome.

Porquê todos estes esforços? Evidentemente na esperança de que eu me tornasse verdadeira cliente do banco e que o meu marido, cliente doutro banco, me seguisse. Pouco mais tarde, como esse gesto de bom acolhimento me tivesse tocado, explicaram-me que a política actual dos bancos consistia em multiplicar as pequenas agências, sobretudo para personalizar os clientes, dar a sensação a cada um de serem «alguém». Amabilidade, gentileza, esforço por conhecer o cliente, a sua família, os seus problemas, além de lhe prestarem serviço — são gestos que causam tal prazer que dirigir-nos-emos a tal agência para sermos a Senhora ou Senhor «tal».

Várias vezes depois voltei a pensar nisso e não pude evitar de fazer o meu, o nosso exame de consciência: «Tenho eu

— temos nós — nos nossos gestos de entreatada, esta mesma preocupação de ver, de encontrar o outro como uma pessoa única, lembrando o seu nome, interessando-se pela sua personalidade e pela sua família?»

Pensando nas nossas visitas domiciliárias poderemos muitas vezes responder que sim, mas talvez nem sempre, quando estamos com pressa, distraídos...

Pelo contrário, quando recebemos ou encontramos alguém da nossa família, à porta da nossa casa, no patamar do prédio, no nosso bairro...; quando trabalhamos como voluntários ou como profissionais num serviço social, no serviço dum clínica, à porta da sacristia, tudo serviços de caridade, será cada mulher, cada homem uma pessoa para mim?

A minha mulher a dias falta ao serviço; penso mais na perturbação que a sua falta causa na minha casa, do que nas

preocupações ou dificuldades que ela tenha. Meu pai, porque já de idade, para ele tudo são problemas: e eu só lhe digo para continuar a trabalhar.

O doente que visito no hospital sente-se aí muito infeliz: enquanto lhe falo vou pensando no que tenho de fazer depois de sair do quarto dele?

Ora, o director do banco não se ocupava senão de mim e, no entanto, ele também tinha muito que fazer. Mas, por uma questão de eficiência, de produtividade, foi industriado nessa técnica.

E nós, que queremos ser testemunhas do Amor de Cristo:

— quais são as nossas reacções?

— que formação aceitamos para nós?

No entanto, nós que somos «voluntários da Caridade», não é verdade que o nosso principal papel é o de reconhecer e fazer com que os outros reconheçam em cada um uma pessoa neste mundo desumanizado?»

(In «ESCALADA» — Junho/71)



Aqui, LISBOA!

Cont. da PRIMEIRA página

Deixamos à consideração dos leitores os comentários que acharem por bem. Se o retrato oferecido pelo Moço em causa não corresponde às reacções de todos os que um dia entram nas nossas Casas, ele espelha, sem dúvida, o sentir geral da maioria, com esta ou aquela variante. Do que não restam dúvidas, porém, é que sem a barriga cheia e um mínimo de condições humanas não é possível a alegria de viver, não se geram nem o espírito de criatividade nem as bases indispensáveis para uma sã afirmação da personalidade. Na medida das nossas possibilidades, cientes embora das limitações próprias, vamos procu-

rando fazer alguma coisa no sentido exposto, preferindo, como aqui tem sido dito, as acções às palavras. Se assim todos fizéssemos, de certo não haveria tantas «facas no coração» de muitas crianças inocentes, para utilizar a expressão do nosso Rapaz.

x x x

Vem aí a praia. É sempre uma época muito desejada pelos nossos Rapazes. A distensão psíquica e muscular, aliada à frescura das águas do mar, aos ares carregados de iodo e ao sol tonificante, muito contribuirão para o seu desenvolvimento e para a recuperação que tanto se impõe para a maioria dos casos, em face dos antecedentes. Para os responsáveis será uma multiplicação de esforços, recompensados, no entanto, pelas finalidades a atingir. A vossa atenção recomendamos também o partilhar de preocupações e de objectivos.

Padre Luís



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

Pai Américo

Cont. da PRIMEIRA página

margens ao grande Mar onde todos os rios se juntam, onde todos os homens se podem encontrar na Paz, na fraternidade, no amor.

16 de Julho de 1956, data que Deus escolheu para retomar a vida do Seu servo Américo (que ao nosso ver terreno tão útil e preciosa nos parecia no melo de nós!) — marca a re-então para sempre deste rio de Vida que é a «Obra da Rua».

Pai Américo foi o rochedo visível que Deus percutiu.

Mas a «água-viva» que corre é a vida-divina que descedente e restaura para a Eternidade.

Assim como a semente se não morrer... não dará novos frutos, a morte do «servo bom e fiel, chamado a receber a recompensa do seu Senhor» é a confirmação divina da Vida nova e perene que será.

16 de Julho é, pois, e será sempre, dia de alegria para nós. Na Fé nos encontramos melhor e mais substancialmente com Pai Américo. A Esperança é a certeza do futuro, nas contingências, e apesar das contingências, do presente.